

UMA INFÂNCIA

MATTHIEU GALEY — *Tem a impressão de que a sua infância foi, de certo modo, excepcional?*

MARGUERITE YOURCENAR — Só me posso basear nas descrições de infância de outros escritores. Não as acho rigorosas. Devo acreditar, portanto, que tive uma infância diferente, ou então que esses escritores reconstituíram infâncias romanescas ou poéticas, aperfeiçoadas e às vezes inexactas.

— *Mesmo assim, tinha pontos de comparação, conhecia outras crianças.*

— Sim, mas conhecia-as superficialmente, no contexto daquilo a que chamaria convenções da infância. Em que é que pensavam, com que é que sonhavam quando iam para os seus quartos de criança? Não sei. Tomo o exemplo de um escritor que considero enorme e que, além disso, é uma mulher — o que significa que poderia haver pontos de contacto —, Selma Lagerlöf, e acho que as suas memórias de infância são conversas simpáticas, mas o que é realmente importante foi eliminado. O livro não foi feito; ela teria podido fazê-lo, mas não o fez. A sua própria profundidade não está lá.

— *Há, contudo, um elemento particular na sua infância: foi uma infância sem mãe. Essa falta pesou-lhe?*

— Nem um pouco. Nunca, durante a minha infância, me foi mostrado um retrato da minha mãe. Só o vi quando tinha talvez uns trinta

e cinco anos. Fui visitar a sua campa pela primeira vez quando já tinha uns cinquenta e cinco. Devo dizer que o meu pai estava sempre rodeado de mulheres. Portanto, havia muita gente para me fazer golases em bordado inglês ou para me oferecer bombons.

— *É, no entanto, a infância de uma menina solitária.*

— Até certo ponto. Ou era-o de forma intermitente, umas vezes solitária, outras rodeada de outras crianças, de pessoas na casa de quem o meu pai passava algumas temporadas. Mas solitária por momentos, apesar de tudo, sim, e penso que o hábito precoce da solidão é um bem infinito. Ensina-nos, apenas em parte, a não precisar das pessoas. Ensina-nos também a amar mais os seres. Além disso, há um fundo de indiferença na criança que muito raramente é descrito. Não sei se as pessoas se sentem embaraçadas com o sentimento dessa indiferença, mas fico impressionada quando observo as crianças: vivem num mundo muito próprio. Tenho a sensação de que vivia, também eu, no meu mundo. Creio que os escritores, na sua maioria, mesmo os «sérios», que falam da infância, se enganam sempre. Vêm a criança do seu ponto de vista de adultos, ou fazem um esforço enorme para se colocar no lugar do que imaginam ser uma criança. Tudo isto é demasiado sistemático, está demasiado próximo das nossas próprias convenções. Julgo que a criança se orienta na vida de forma muito vaga, com a surpresa do animal jovem que vê ou encontra qualquer coisa pela primeira vez. As pessoas grandes que a rodeiam, cuja identidade nem sempre é muito clara — uma dizem-lhe ser, ao que parece, o pai, que se chama «papá» (mas o que é para ela um pai?), outra a mãe, e a terceira a criada, a cozinheira ou o carteiro — são todas «pessoas grandes», que têm uma certa importância mas, ao mesmo tempo, não estão muito ligadas à criança nem à sua vida própria, aliás impenetrável para aquelas pessoas. Ninguém quer ver essas relações. Pretende-se que as crianças detestem os pais ou que os adorem. Na verdade, em nenhuma época eu «adorei» o meu pai, e parece-me que só bem tarde é que o amei verdadeiramente.

— *Para si, quem foram as «pessoas grandes» que ficaram nas suas memórias de infância?*

— Havia muitas, mas eu sentia claramente que, de certa maneira, eram importantes sem o serem. Vivia numa casa com muita gente,

como acontecia nas velhas casas de antigamente: havia a minha avó, o meu meio-irmão e, mais tarde, a mulher dele, o meu tio, uns primos vagos. Havia também o pessoal da casa, que era numeroso, numa época em que nada era electrificado nem mecanizado. Havia ainda as pessoas da aldeia, adultos e crianças. Os rapazes e as raparigas que encontrava nas praias, durante as férias. Para mim, existiam todos mais ou menos na mesma medida: muito e pouco.

— *Mas parece que você guarda um ressentimentozinho em relação à sua avó.*

— Um ressentimentozinho... Um grande ressentimento, aliás, sim! Pelas razões que descrevi em *Arquivos do Norte*: ela era o claro exemplo da burguesia possessiva, e isso era muito visível — «Cuidado com o meu sofá»... «Não andes por cima do meu tapete»... Não é que eu tenha realmente sofrido com isso, mas olhava para ela e achava-a estranha, nada simpática, como um móvel que incomoda.

— *Nunca passou pela fase da revolta contra a família?*

— Não, porque a minha não me incomodava o bastante para isso. Com excepção do meu pai, era uma família sem grande interesse. Já falei, algures, da antipatia do meu meio-irmão por mim, mas era raro vê-lo. Descrevi membros da minha família materna que conheci, ou de quem tinha ouvido falar, eram sobretudo fantoches interessantes, como o encantador tio Octave; e era tudo. Há que colocar à parte o «tio-avô», também Octave, que evidentemente era superior a isso: um místico e um poeta a quem faltou o dom de se exprimir. Ou ainda, na geração mais recente (aquela que já conheci), pessoas igualmente honradas e dignas de respeito pela sua coragem, pela sua resistência, etc., como a minha tia paralisada ou uma prima enfermeira num hospital de doentes com cancro. Mas nada disso tinha grande importância na altura, via-os raramente.

— *Onde é que vivia nessa época?*

— Cheguei ao Mont-Noir com mais ou menos seis semanas. Já contei como é que o meu pai voltou a vender, alguns dias depois da morte da minha mãe, a casa que comprara em Bruxelas para satisfazer

o desejo dela de dar à luz perto das irmãs e das mãos de um médico, por sinal incompetente e pouco cuidadoso, já que ela veio a morrer de uma febre puerperal, como tantas parturientes naquele tempo, vítimas de uma assepsia medíocre. Mas o Mont-Noir nunca passou de uma casa de Verão, mesmo quando ficávamos lá até bem mais tarde, entrando no Outono. Os dois primeiros Invernos da minha vida, segundo me disseram, foram passados na grande casa de Lille, mas as lembranças que guardo dessa casa, e do seu belo jardim de então, são mais tardias, naturalmente; remontam a breves visitas que lá fiz depois à minha avó. A partir dos três anos, passei todos os Invernos no Midi, até cerca de 1912 (já não estou muito certa destas datas), e o mês de Junho, até 1914, no grande apartamento de Paris, num edifício também já desaparecido, na que então se chamava Avenue d'Antin.

Desde a minha mais tenra idade que, no Verão, havia também as praias, de Scheveningue, na Holanda, depois várias praias na Bélgica, entre a fronteira e Ostende, onde o meu pai tinha amigos — e sobretudo amigas. Às vezes Bruxelas, pela mesma razão, às vezes Paris, ainda antes de o meu pai lá se instalar, quando eu tinha cerca de nove anos. Não posso, por isso, falar de uma infância enraizada. Mas as minhas recordações mais fortes são as do Mont-Noir, porque foi lá que aprendi a amar tudo o que ainda amo: a erva e as flores selvagens que se misturam com a erva; os pomares, as árvores, as matas de pinheiros, os cavalos e as vacas nas grandes pradarias; a minha cabra, a quem o meu pai dourou os cornos; a burra *Martine* e o burro *Printemps*, que eram as minhas montadas, sobretudo a burra, que aprendi, desse muito cedo, a olhar como a mais sagrada das criaturas, pois trazia no dorso o desenho de uma cruz por ter servido de montada a Jesus no dia de Ramos; o meu carneiro que adorava rebolar na erva, os coelhos livres brincando na vegetação rasteira, que continuo a amar com um grande amor — esses coelhinhos que Zenão libertou pouco antes de morrer —, o velho cão, cuja morte me foi anunciada numa manhã por um tiro, e esse foi o meu primeiro grande desgosto (tinha eu oito anos). Mas também gostava muito das praias e das suas planícies sem fim, quando o mar recua, naquele movimento para mim quase hipnótico das ondas.

As recordações do Midi nessa época são em menor número, sobrepostas pelas recordações do Midi na minha adolescência, mas não esqueço as laranjas apanhadas no jardim (e o meu pai pendurava-as com uma linha, quando elas faltavam). Quanto às pessoas, parece-me que, à excepção do meu pai, por sorte presente, havia sobretudo à minha volta

aquilo que ainda se chamava por esta bonita palavra: gente, que deveria fazer pensar na *gens*, na tribo romana. Também não percebo porque é que a bonita palavra doméstica, que vem de *domus*, a casa, pôde ser tão desvalorizada em vez de ser considerada sagrada (demasiados maus padrões, sem dúvida): as domésticas, a gente com quem se vive na mesma casa. Vejo ainda o velho cocheiro Achille, depois César, o motorista, que tinha imenso sucesso com as mulheres, o jardineiro Hector, Hortense, a cozinheira, a Madeleine grande e a Madeleine pequena, que cantava, com uma voz arrastada, árias que se ouviam na aldeia, a pequena Marie, que tinha a única tarefa de bater a manteiga numa divisão fresca onde era um privilégio entrar, o mordomo Joseph, Mélanie, a criada de Noémie, má como a patroa, e Barbara, claro, a minha ama. Aprendi muito cedo que todas aquelas pessoas existiam tanto quanto eu, e que era muito bom estar com elas na cozinha, junto ao fogo.

Havia também a procissão da aldeia, em que, como todas as outras crianças, eu ia vestida de anjo ou de santa, e um poço sagrado para onde atirávamos umas moedinhas para ganhar os favores de já não sei que santo, que devia ter sucedido às ninfas gaulesas — voltei a repetir depois esse gesto em vários países, na Islândia, por exemplo, ou numa fonte da ilha de Montes Desertos, sem esquecer, como Clément Roux, a Fonte de Trevi, e sentia, todas as vezes, que essas pequenas moedinhas atiradas pelas pessoas eram como que símbolos da esperança humana. Mas devo dizer que, na minha infância, o poço sagrado me interessava menos do que uma lojinha ali perto, onde se vendia, por um cêntimo, uns chocolates horrorosos, forrados com um creme de açúcar...

Assim, o Mont-Noir, a grande qualidade do Mont-Noir, era, para mim, a vida no campo, o conhecimento da natureza. É muito importante, para uma criança, crescer num ambiente natural, conviver com os animais, encontrar no dia-a-dia pessoas de todos os géneros, viver entre «a gente do povo». Digo «a gente do povo» porque não encontro outra expressão, refiro-me às pessoas que não pertencem a nenhuma categoria, que vivem com necessidades. Ora, uma criança bastante solitária numa casa enorme tem de estar evidentemente sempre em contacto com o jardineiro, o cocheiro, a leiteira. Essas são as pessoas que eu conheci primeiro e muitas vezes é ainda com os seus equivalentes contemporâneos que prefiro conviver na ilha. Talvez eu só ame mesmo as pessoas que erradamente se supõe serem mais simples.